

## **Crise salva o Fundo, mas pode condená-lo à morte**

Sessenta e quatro anos depois do acordo que alçou seu nome ao conhecimento mundial, o vilarejo de Breton Woods, na cidade de Carroll, nos Estados Unidos, volta aos debates dos líderes globais. Começou pelo presidente americano, George W. Bush, que sugeriu uma "nova arquitetura financeira" e já está sendo cogitada com rigor por chefes de Estado de diferentes países. No início de novembro, a ministra da Economia da França, Christine Lagarde, desembarca no Brasil trazendo na mala a idéia de se criar um grupo de trabalho para analisar um novo tratado sobre os rumos da economia mundial.

O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial nasceram ali, em junho de 1944, e hoje têm sua atuação posta em xeque. Mas talvez seja exatamente a crise que pode salvar essas instituições, condenadas à extinção até o início do século 21.

Simplex explicar. O FMI tem hoje a menor carteira de empréstimos dos últimos 30 anos e teve sua lista de condicionalidades questionada depois de alguns desacertos em economias em desenvolvimento, sobretudo as latino-americanas. O mix de exigências que vão do aperto fiscal, contenção da demanda doméstica e liberalização comercial estavam com os dias contados aos que exaltavam o fracasso do consenso de Washington. Mas, para alguns especialistas, como Rogério Studart, diretor-executivo do Brasil, Colômbia, Equador, Filipinas, Haiti, Panamá, República Dominicana, Suriname e Trinidad Tobago no Banco Mundial, tanto o fundo monetário quanto o Banco Mundial podem encontrar nessa mudança capacidade de ampliar sua atuação no mundo.

Essas instituições funcionam com a mesma base há 60 anos. Quando se muda a participação dos países nesses organismos, muda-se automaticamente o jeito de eles agirem. Modificam-se o modelo e as condicionalidades para atender à demanda desses novos participantes - explica. Com isso, esses organismos ganham capacidade de expandir a sua atuação.

Segundo Studart refere-se à maior participação de países emergentes nas cotas dessas instituições. Esse debate – e queixa dos países em desenvolvimento, como o Brasil – não é novo, mas ganha fôlego agora, com a crise que nasceu nos desenvolvidos e promete exportar problemas financeiros para todo o mundo.

Isso está sendo discutido há anos, mas com a crise, os países desenvolvidos podem aceitar as modificações nessas instituições. Mas isso vai acontecer em um segundo momento.

### **Ajuda**

Na prática, essa mudança indica condições de ajuda mais apropriadas às economias dos países emergentes. "Vou dar um exemplo, um técnico que trabalha no Banco Mundial não apresentará projetos em associação com bancos públicos, porque as regras hoje estipulam que não se pode desenvolver projetos com bancos públicos. Com a mudança, esses projetos poderiam andar", explica Studart.

Para o professor de economia da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE), da Fundação Getúlio Vargas, Rubens Penha Cysne, além da saúde financeira das economias emergentes, contribui para o debate o fato de os sistemas financeiros estarem hoje mais conectados do que em 1944.

É possível e provável que se discuta um novo Breton Woods. Está havendo essa movimentação, de um lado dos EUA e da Europa e, de outro, dos países asiáticos – afirma. – É, portanto, chance de ser rediscutido o papel do FMI e também do BIS, e de se repensar a arquitetura financeira mundial. Esses organismos têm a mesma estrutura de 1944 e é necessário aumentar a participação das economias emergentes.

Cysne lembra que os contágios atualmente acontecem mais rapidamente e, por isso, são necessárias regras globais para atuação de instituições de atuação também global.

Uma crise na Ásia hoje pode afetar a América Latina e vice-versa. Existe hoje um novo tipo de interligação financeira que não existia no passado. Essa possibilidade maior de contágio faz com que haja necessidade de mudanças na organização dessas instituições. Os países emergentes devem ter mais voz na regulação e no fluxo de capitais. Isso faz com que possam fazer escolhas mais interessantes para suas economias. O aumento da sua participação deve ocorrer porque o mundo está hoje mais globalizado.

O primeiro passo, segundo Cysne, é que o Bank of International Settlements (BIS) – que vem a ser o banco central dos bancos centrais, criado em 1930 - passe a se aparelhar mais intensamente para a regulação e, sobretudo, monitoramento do cumprimento das regras que serão acordadas pelos países membros.

**Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 27 out. 2008, Primeiro Caderno, p. A-5.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais